

A vida está recheada de surpresas,
e estas podem ser de todas as formas e feitios.

Grandes

surpresas,

pequenas surpresas,

boas
surpresas,

más
surpresas,

e as mais raras de todas ...

as surpresas
impossíveis de acreditar.

Diz-me, quem acreditaria numa
história sobre uma gata que fala...?





Capítulo Um

Palácio Von Volavon



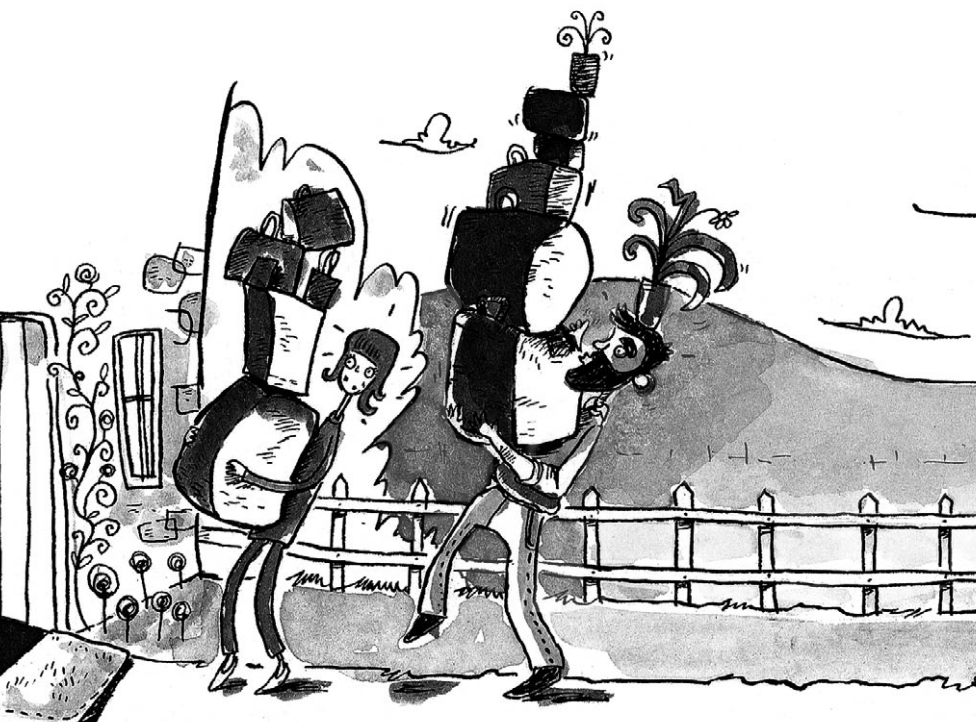
– Monte, árvore... árvore... ovelha, vacas. Que aborrecido! – protestou a Molly ao olhar pela janela do carro. Mexeu-se desconfortavelmente no seu assento, apertada entre uma estante e um baú velho, que parecia vindo diretamente da idade medieval. – Falta muito? – refilou.

– Não – disse o Pai. – Olha, está já ali uma placa para Fuffleton.

– Boa! – disse a Molly. Apesar do campo ser aborrecido, ela estava em pulgas para ver a nova casa e começar a explorá-la.

O carro virou para uma estrada de terra batida e parou abruptamente em frente a uma linda casa de pedra.

As janelas estavam pintadas de verde e um canteiro com malmequeres amarelos emoldurava a porta.



Todos saíram rapidamente do carro.

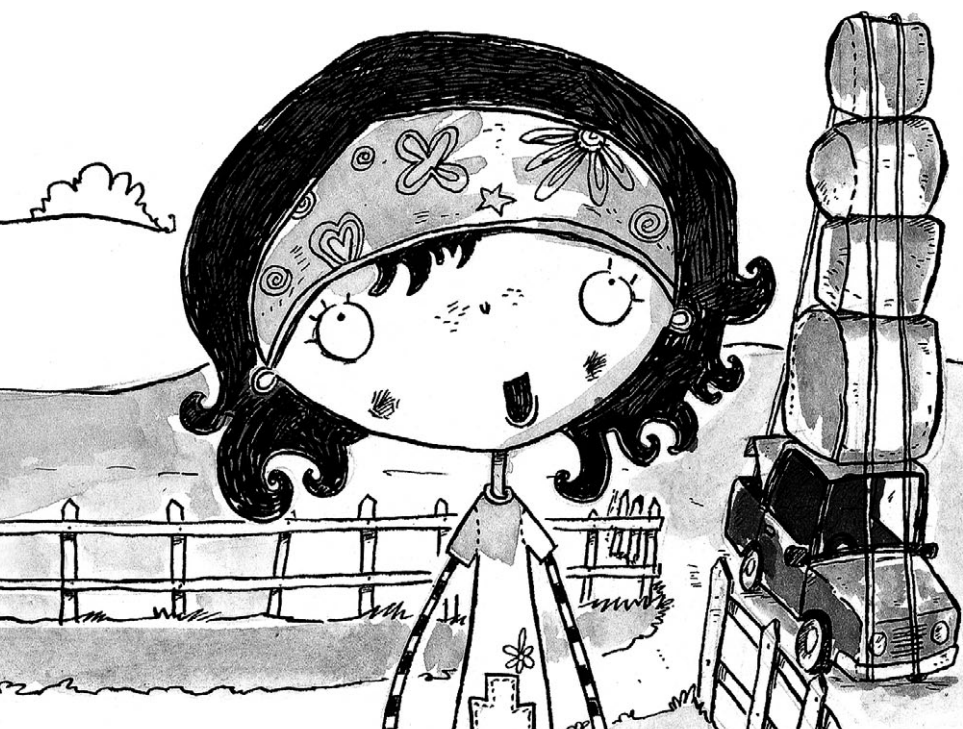
– Chegámos! – disse a Mãe, excitada.

– A casa nova é adorável! – disse o

Pai. – O que achas, Molly?

Mas a Molly nem o ouviu.

Algo tinha prendido a sua atenção...





- UAU! - exclamou a

Molly, apontando para a casa ao lado.



Era a casa mais fantástica que alguma vez ela já vira.

Reluzia com joias do telhado até ao chão e as bandeiras agitavam-se nos torreões. Os vitrais brilhavam com a luz do sol, e no topo dos portões de ouro maciço, em letras curvilíneas estava escrito: Palácio Von Volavon.



- Um palácio! - exclamou a Molly.
- Quem viverá aqui?



Deve ser uma princesa...



ou talvez uma rainha...



- Talvez, - disse a Mãe a sorrir. -
É sem dúvida uma casa... diferente.



A Molly permaneceu enfeitiçada pela beleza do palácio, enquanto os pais passavam atarefados, a carregarem caixas, baús e vasos com flores.

– Molly... podes vir ajudar? – resmungou o Pai. – Assim que estiver tudo arrumado, podes ir explorar à vontade.

– Ok, vou já a caminho – disse a Molly. Estava quase a ir-se embora, quando sentiu alguém parado atrás de si. Virou-se e ficou a centímetros de distância de um velhinho muito enrugado.

– Cuidado, Menina, cuidado!
sussurrou o velhinho com a voz toda aos tremeliques.

– Cuidado com o quê? – perguntou a Molly.

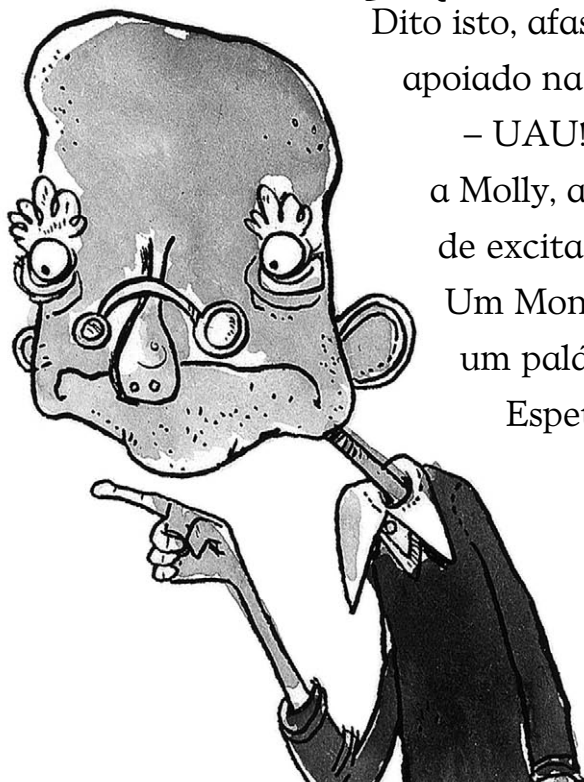


– Com o Diabrete de Fuffleton, ora essa!
Ali vive um pequeno **monstro** –
disse o velhinho, apoiando-se na bengala
e apontando para o palácio com um
dedo torto e retorcido. – Uma criatura
malvada, com garras e dentes afiados.
Portanto, é melhor ter muito

cuidado!

Dito isto, afastou-se,
apoiado na bengala.

– UAU! – gritou
a Molly, a ferver de
excitação. –
Um Monstro e
um palácio!
Espetacular!



Capítulo Dois

Novos Vizinhos



“Atchiiim!” espirrou a Molly ao remexer nas caixas que estavam no seu quarto. Da caixa mais próxima retirou uma pilha de livros empoeirados.

O seu novo quarto era no sótão. Tinha um lindo teto de madeira e paredes pintadas de azul claro. Mas o melhor era mesmo a vista direta para o palácio que tinha da sua janela.

A Molly olhou para os torreões. Será que lá vivia também uma princesa prisioneira?

A Mãe tinha prometido ir com ela conhecer os vizinhos se tudo estivesse já arrumado antes da hora do chá. A Molly olhou para o quarto – que confusão! Não ia conseguir ter tudo pronto a horas. Assim, sempre atenta a qualquer sinal da chegada da Mãe, esvaziou as caixas no chão e empurrou tudo para debaixo da cama. Já sem espaço, escondeu o que faltava debaixo do tapete. A Mãe nunca iria descobrir!

A Molly correu pelas escadas abaixo a gritar: – Mãe, acabei! Podemos ir então?

A Mãe olhou para a cara cheia de esperança da Molly.

– E porque não? – disse, entregando ao Pai o espanador. – Vou fazer uma pausa!



A Molly esperou junto à entrada dos Von Volavon, ansiosa, aguardando que a Mãe chegasse. A porta tinha um monumental puxador em forma de cabeça de gato. Agarrou-o e bateu uma... duas... três vezes, e estava prestes a bater pela quarta vez, quando a Mãe lhe agarrou a mão.

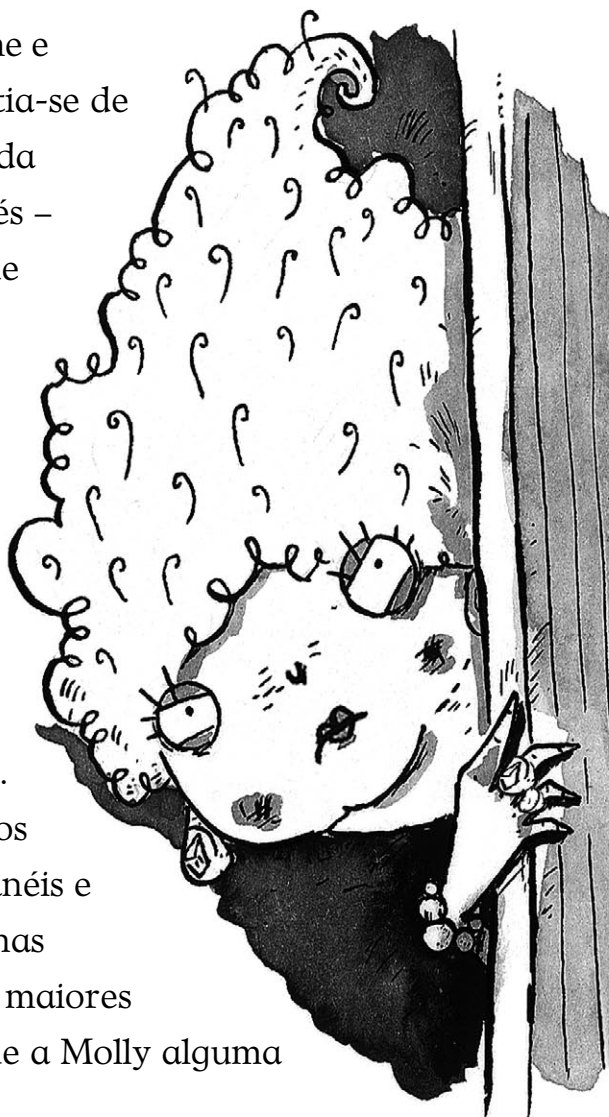
– Já devem ter ouvido, Molly.

Ouviu-se o som de saltos altos a aproximarem-se e, momentos depois, a porta entreabriu-se. Da escuridão surgiu a cabeça de uma senhora. Esta olhou a Mãe e a Molly da cabeça aos pés.

– Sim? – disparou secamente, abrindo mais a porta, – São da escola? És tu a rapariga que acusou a minha Saffron de lhe ter puxado o cabelo?

A Molly ficou pasmada a olhar.

Ela era enorme e redonda. Vestia-se de rosa-choque da cabeça aos pés – dos sapatos de salto alto até ao vestido às pintinhas – e o seu cabelo, loiro e volumoso, parecia algodão doce. Tinha os dedos cobertos de anéis e nas suas orelhas brilhavam os maiores diamantes que a Molly alguma vez vira.



A Mãe riu-se nervosamente e disse:

– Oh, não, nós não somos da escola, somos os vossos novos vizinhos, do n.º 24. Eu sou a Pamela Potsome e esta é a Molly. Decidimos vir cá dizer olá!

A Molly sorriu e disse a primeira coisa que lhe passou pela cabeça: – Nós fomos à feira popular na semana passada e eu comi algodão doce... tal e qual o seu cabelo.

Seguiu-se uma longa e constrangedora pausa e, ao longe, ouviram-se vozes de crianças.

– Eu não acredito que tenhas medo de um gato – cantarolou a voz de uma menina. – Mariquinhas... mariquinhas!

– Não sou nada! – respondeu um rapaz.

– Então, porque não alimentas a Mimi? É a tua vez, Dylan! – disse a rapariga.

– Não é nada! Eu alimentei-a ontem...
– protestou o rapaz.

– Não... não...

– Sim, sim, sim...

– Não, não, não e não vezes infinito!

Mais um momento de silêncio, seguido por um grito agonizante.

– Mãeziiiiiiiiinha, ele é mau, ele bateu-me! – choramingou a rapariga.

A senhora com cabelo de algodão doce virou a cabeça e disse:

– Pouco barulho! Querem que os novos vizinhos oiçam os vossos gritos e lamúrias?

Voltou-se novamente para a Molly e para a Mãe com um sorriso amarelo nos lábios.

– Eu sou a Sr.^a Von Volavon, muito prazer.



– Igualmente! – disse a Mãe com um pequeno sorriso. – Gostaria muito que nos viesse visitar. E traga as crianças. Vais gostar de as conhecer, não vais, Molly?

A Molly estava prestes a responder, mas a Sr.^a Von Volavon acabou por falar primeiro:

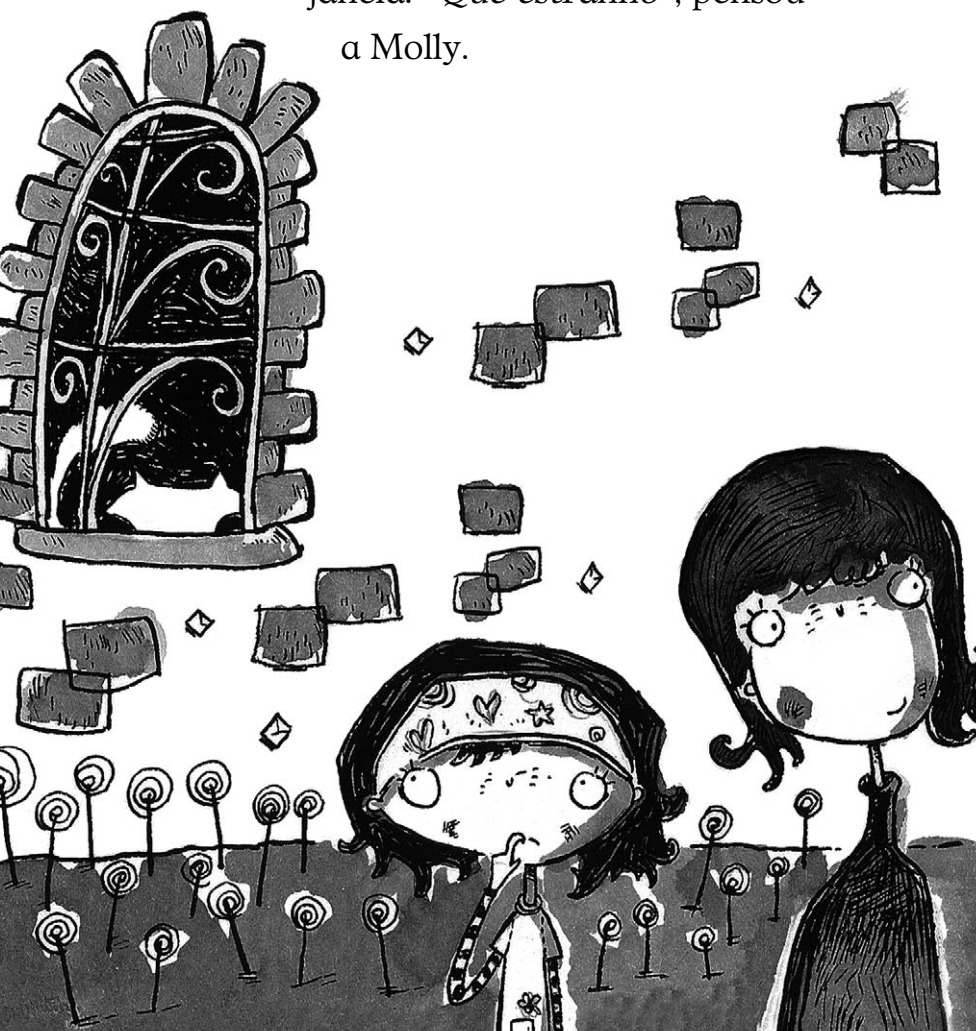
– Sim-oh-isso-seria-ótimo-adeuzinho!

No momento seguinte a porta fechou-se e a Molly e a Mãe ficaram coladas ao tapete de entrada, com o nariz quase a bater na porta.

– Céus – suspirou a Mãe. – Não creio que ela seja uma Rainha... ou uma Princesa!

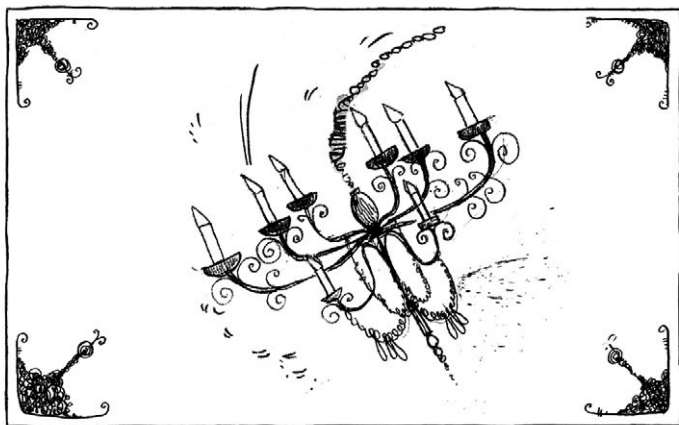
Deu a mão à Molly e voltaram para casa, torneando a grande fonte. Esta tinha ao centro um enorme e brilhante peixe em bronze, que, de vez em quando, disparava um jato de água. A Molly nunca tinha visto nada igual.

Ao chegar aos portões, a Molly lançou um último olhar ao palácio. Nesse preciso instante, vislumbrou algo grande, branco e ridiculamente fofo no vitral de uma janela. «*Que estranho*», pensou a Molly.



Capítulo Três

Família Von Volavon



A Sr.^a Von Volavon parou no corredor a deitar fumo pelas orelhas. O candelabro acima da sua cabeça abanou perigosamente, ao ritmo dos passos que se ouviam no andar de cima.

– Onde estão... suas pestes! Venham cá imediatamente! – gritou. – Vou contar até cinco! UM... DOIS... TRÊS... QUATRO... CIN...

Uma porta abriu-se de repente e uma
rapariga, mais cor-de-rosa que a
própria cor apareceu.
– Mãezinha – disse
com uma voz
doce e patética.



– EU QUERO
UM PÓNEI!

Procura a próxima aventura
da Molly e da Mimi!

